

Porque morre a imprensa no interior. A tribuna, Uberlândia, 11 de março de 1923¹

Guilherme Nunes²

Outro dia, no Jockey-Club, em Uberaba, onde se reúne a flor da intellectualidade da capital do Triângulo, fallava-se da imprensa regional, sempre desprestigiada ante as grandes e desenvolvidas paginas dos diários de maior circulação do litoral. E entre aquelles moços cujos talentos fazem com que a gente de mais distante falle menos nenhum pôde dar solução ao problema do desprestigio do nosso jornal.

Falta de elementos materiaes, leitores, gosto esthetic, recursos pecuniarios, concurrencia natural pelas condições sociaes, foram notas e expressões desoladamente externadas de compaixão pelo pobre órgão que surge após o amadurecimento dos mais palpitantes assumptos.

Realmente ninguem pôde negar a grande sombra que os orgams dos grandes centros projectam sobre o pobre jornal do interior. Haja visto o modo porque vivem e o feitio dos jornaes mais chegados ás capitaes, onde, como nas grandes florestas, muita vez junto á fronde do cedro robusto, vejeta o atrofiado arbusto sem poder erguer se para gozar dos mesmos clarões na altura em que sobe o gigante das matas. Isto, porem, não é razão para que se crestem as pequenas vejetações. Ellas têm direito a existencia como os grandes e o habitante do interior que pretender o pequeno periodico de sua terra parelha com o dos centros mais desenvolvidos pode-se dizer um cego de espirito. O jornal indigena não pôde ter a vida ostentatoria dos jornaes diários, principalmente dos nossos principaes centros, do mesmo modo que entre nós tudo é modesto e resumido, desde o engraxate ao templo, desde o barbeiro ao forum.

Qualquer individuo no interior pôde comer tão bem como em qualquer capital, mas não pôde ter as mesmas iguarias, nem as mesmas diversões. Lá o theatro, aqui

¹ Trabalho sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl, UFU.

² Aluno de Graduação do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. batteryacidtea@gmail.com

as pescarias e caçadas. Lá os salões litterarios, etc, aqui o campo, o rio, a natureza emfim.

Nestas condições, quando se vae a um grande centro, a primeira coisa que desejamos é justamente aquella que não temos em nossa modesta cidade ou aldeola.

Assim não é de admirar uma observação bastante consentanea que ouvimos entre os intellectuaes que se reúnem no Jockey, de Uberaba. "Para os de fóra o jornal do interior têm muito mais encanto do que para nós. Unicamente estes jornaes, por uma inercia, não procuram irradiar-se por esses logares, numa permuta intelligente como o individuo preparado, modesto que se emparelha a outro nas mesmas condições bem vestido, mas, cheio de jóias e berloques, se torna acanhado".

Talvez essa proposição pudesse soffrer ou tivesse soffrido alguma modificação hoje que nos lembramos melhor della. Numa simples palestra de camaradas, intimos, temos de proferir orações pezadas e medidas (?) O facto é que Ella tem tanto de intelligente como de verdadeira e nos faz lembrar um dos maiores negociante de S. Paulo que, conhecendo Goyaz e Triangulo, ao chegar da Europa, recebeu dias após nossa visita e nos mostrou dentro da sua secretaria, o Lavoura e a Tribuna, numeros atrasados, dizendo-nos: "Aqui estão. Leio-os aos poucos porque o tempo é escasso, mas, numero por numero."

Não ha duvida que o jornal do interior bem trabalhado póde constituir um atrativo para os que vivem longe da paz sertaneja, no meio do grande bulicio, no torvelinho, no acotovelamento dos centros de maior acção, mesmo quando essas regiões lhes não sejam conhecidas, comtanto que o nosso esforço, o nosso trabalho, a nossa boa vontade, se patenteiem aos olhos dos leitores e procuraremos lá fora o espirito ledor que entre nós é mais raro.

Submetido em 21 de maio, 2011.

Aprovado em 21 de maio, 2011.